

Escadaria do Bom Jesus do Monte

BOM JESUS DO MONTE

I

No grandioso das edificações, no aprazivel do logar, na popularidade do nome e na concurrencia dos fieis, o Bom Jesus do Monte é o primeiro sanctuario de Portugal. Não ostenta, é verdade, primores de arte, apesar de que o decorem muitas estatuas e outras variadas esculpturas. Tambem devemos confessar que não presidiu bom gosto, em geral, ás construcções que ahi se tem levantado. A maior parte d'ellas mostram em si aquelle cunho de architectura massiça e pesada, que distingue, de ordinario, os monumentos que o nosso paiz tem visto erigir n'estes ultimos tres seculos, com raras excepções.

Todavia, é um rico monumento de piedade christã, que dá celebridade, dentro e fóra do paiz, á cidade de Braga, já por tantos titulos celebre.

Transformar a ingreme encosta de elevada montanha em um passeio facil e delicioso, que vae subindo suavemente, sempre toldado de espesso arvoredo, e por entre fontes que murmuram perennemente, e por meio de jardins que embalsamam o ar com a fragrancia das flores; dispor ao longo d'essa formosa avenida, e sob a copa magestosa de arvores annosas, os passos da Paixão de Jesus Christo, representados em figuras ao natural dentro de capellas de architectura uniforme, e collocadas symetricamente desde a raiz do monte até ao alto, segundo a ordem da historia; dar á montanha por coroa a representação do calvario em um templo magnifico; figurar d'est'arte a mysteriosa passagem do Salvador na terra, servindo a ingreme ladeira do monte de emblema da elevação d'aquelle espirito divino, e ao mesmo tempo da immensidade do sacrificio d'aquella vida preciosa; e as arvores, os jardins, os lagos, as fontes, em fim, toda aquella graça e frescura, toda a belleza e amenidade da paizagem symbolisando as graças e doçura da doutrina evangelica; foi, sem duvida, um pensamento grande, cheio de religião e de poesia.

O viajante que visitar aquelles logares, quando a natureza os tem ornado com suas melhores galas, e no momento em que o silencio d'aquella solidão seja apenas quebrado pelo canto das aves que vem abrigar-se á sombra dos bosques, pelo murmurio das aguas, caíndo nas taças das fontes e nos lagos dos jardins, e pelo ciciar da folhagem, levemente embalada por brando vento, ha de sentir forçosamente, ainda que seja por um instante, desapegarem-se-lhe do coração

todos os sentimentos terrenos, e o espirito, purificando-se nas idéas religiosas que lhe está inspirando tudo quanto o cérca, querer elevar-se até á morada do martyr do Golgotha!

Que importa, pois, que o sanctuario do Bom Jesus não possa ser considerado monumento artistico, se a natureza e a piedade religiosa o fizeram tão bello e grandioso, tão cheio de encantos e de magestade?! Que importa que não sobresáia como obra de arte, se tanto avulta pelas bellezas naturaes que por todos os lados o cercam, e pelas elevadas idéas de sã philosophia que elle proprio desperta na alma do viajante, por qualquer parte que o contemplem?

Podêmos, portanto, dizer afoitamente, não só que é o primeiro sanctuario de Portugal, mas tambem um dos principaes da Peninsula.

II

A origem do sanctuario data do fim do seculo XV. Correndo o anno de 1494, o arcebispo de Braga, D. Jorge da Costa, irmão do celebre cardeal de Alpedrinha, do seu mesmo nome, e ao qual succedeu na cadeira primacial, mandou edificar uma ermida com a invocação de Santa Cruz, quasi no cume do monte Espinho.

Não tardou a devoção a attrahir á ermida o povo das visinhanças. Todos os annos, no dia 3 de maio, em que a egreja celebra a festa da invenção da Santa Cruz, acudiam innumeraveis romarias á capellinha de D. Jorge da Costa. Conservou-se a ermida em bom estado durante a vida do fundador; mas logo depois da sua morte, á falta de quem olhasse por ella, em sitio tão ermo e exposto ás tempestades, em breve se arruinou. D'isto se póde colligir que a sua fabrica era humilde e pouco solida, pois que ao tempo que nos referimos apenas contava 28 annos de existencia. Foi n'estas circumstancias que lhe appareceu um bemfeitor. D. João da Guarda, deão da sé de Braga, determinou não só reedifical-a, mas tambem amplial-a; o que levou a effeito no anno de 1522. Deixou commemorada esta reconstrucção em uma lapida que fez embeber na parede da mesma capella, e que ao presente se acha no muro da escadaria do monte, chamada das *Virtudes*.

Correram os annos; afrouxou de novo a devoção, e assim, ao cabo de pouco mais de um seculo, achava-se a ermida outra vez arruinada. Acudiram-lhe então alguns devotos, que, por meio de esmolas com que concorreram e que solicitaram para as obras, repararam os estragos causados pelo tempo e pelo abandono; ornaram a capella com alfaias novas; collocaram no altar uma imagem de Christo, e instituiram uma confraria, encarregada do cuidado do culto e da conservação do templo. A antiga invocação de Santa Cruz foi por esta occasião mudada na de *Bom Jesus do Monte*. A montanha, que tinha trocado o seu primeiro nome de *Espinho* pelo de *Santa Cruz*, deixou agora este para tomar o de *Bom Jesus*. A confraria foi instituida no anno de 1581; porém as obras que vamos referir só se concluiram em 1629.

Não se contentou a confraria de ver a capella restaurada e servida com decencia. Quiz que fosse um sanctuario mui concorrido de romarias, e para este fim concebeu um vasto plano de obras, umas destinadas para accommodação da confraria e agasalho dos romeiros, e outras para aformoseamento do sitio. Recorreu, pois, por diversos modos á piedade dos fiéis; mas, posto que esta não foi surda ao chamamento, é certo que não prestou o concurso que se desejava, e era mister, para a realisação das obras projectadas.

Limitou-se, portanto, a confraria a construir junto da ermida um edificio, que denominaram *sala grande*, para alojamento dos irmãos e peregrinos que demandassem aquella casa de oração; e na ladeira do monte varias pequenas capellas da Paixão e da Resurreição, e uma escadaria de pedra proxima do templo, no logar em que o accesso era mais difficil. Os aformoseamentos consistiram na plantação de algum arvoredo, e buxo para fazer parede á escadaria por ambos os lados. Pela primeira vez se poz alli um ermitão para velar pela guarda e aceio de tudo.

Porém, quando a confraria se achava bem organisada, parecendo assegurado o bom futuro do sanctuario, veiu um novo contratempo pôr em risco a sua existencia. D'esta feita não foi o desleixo, nem o desamparo; foi a ambição que prejudicou e arriscou o sanctuario.

Os successores do deão, D. João da Guarda, foram-se pouco a pouco descuidando da ermida de Santa Cruz, talvez pela distancia em que ficava da cidade de Braga, e pela aspereza da montanha em que estava edificada, e talvez tambem porque não tiravam d'ahi proventos, mas sim despezas; até que por fim largaram mão d'ella, pelo que chegou ao ultimo estado de ruina. Mas logo que viram a capella reconstruida e bem ornada, o sitio alindado com casas, arvoredos e flores, as romagens novamente encaminhadas para alli, e as esmolas dos devotos continuamente a caírem na bandeja do *Bom Jesus do Monte*, lembraram-se de reivindicar a posse e administração da ermida, que diziam pertencer-lhes como successores do deão fundador, e pelo direito de apresentação como abbades que eram da freguezia de Santa Eulalia de Tunões, annexa á dignidade de deão da sé de Braga, e no districto da qual ficava o sanctuario.

Resistiu a confraria a tal pretenção, allegando que a ermida estava abandonada e em ruinas quando tomára posse d'ella, e que a sua reconstrucção, ornamentos e alfaias, bem como as mais edificações e aformoseamentos, eram devidos ao seu zelo, diligencias e esforços, tanto para obter esmolas, como para administrar os fundos, e correr economicamente com as obras.

Não se deu por convencido o deão com éstas allegações, e assim começou renhida demanda. Não a levou, porém, ao fim a confraria. Vendo que se empenhava com as despezas de justiça, e que o seu adversario dispunha simultaneamente de abundantes meios pecuniarios, e de bastante influencia, desistiu da demanda, e, mau grado seu, entregou ao deão Francisco Pereira da Silva a capella com todas as suas pertenças.

A mudança de administração produziu brevemente os seus naturaes effeitos. O sanctuario resentiu-se logo da falta da confraria. Desappareceu d'elle o zelo e fervor com que eram mantidos até alli o aceio e boa ordem, e com que se faziam apparatosas festividades. O deão era mais solicito em arrecadar os benesses, que em prover á decente sustentação do culto. Os fieis desgostaram-se; a devoção esfriou de novo; e as romarias estavam quasi de todo extinctas em 1720, quando o desembargador juiz dos residuos se resolveu a salvar o sanctuario da terceira ruina que o ameaçava. Convocou a confraria a uma reunião, fez com que se elegesse nova mesa, composta de pessoas auctorisadas e bemquistas, e em seguida poz demanda ao deão. Agora eram egualmente fortes e poderosas ambas as partes, e tanto que, no fim de dois annos de rija contenda, ainda a questão promettia occupar por muito tempo os tribunaes, se lhe não pozera termo o arcebispo D. Rodrigo de Moura e Telles, com quem muito privava o desembargador juiz dos residuos.

Determinou, pois, o arcebispo, por uma provisão datada de 7 de junho de 1722, que lhe fosse devolvida a eleição da mesa da confraria, e na mesma provisão se declarava juiz d'ella, e nomeava mesarios a varios conegos da sua sé, e a outras pessoas de respeitabilidade.

Não foi preciso mais para acabar o pleito. O deão prestou-se immediatamente a qualquer accordo razoavel, e no dia 30 de junho assignou a escriptura em que desistia por si, e em nome dos seus successores, de todos e quaesquer direitos que podesse ter sobre as diversas propriedades que constituiam e pertenciam ao sanctuario do Bom Jesus, com a reserva de um foro de duas gallinhas para o deão, e o de 300 réis annuaes para o vigario da freguezia de Santa Eulalia de Tunões. Como em reconhecimento dos seus antigos direitos, quiz o deão que tambem lhe ficasse reservada a regalia de escolher o ermitão entre tres nomes propostos pela mesa. No mez de agosto foi julgada por sentença a escriptura, e esta confirmada pelo papa em 4 de setembro de 1724.

Parecia que estavam terminadas todas as questões, e que ninguem mais havia de inquietar a confraria na pacifica administração do sanctuario. Mas não succedeu assim. Surgiu nova ambição clerical por parte do vigario de Santa Eulalia, o qual, no anno de 1759, fazendo valer os seus direitos parochiaes, pretendeu arrogar a si a escolha dos capellães e acolytos, e a superintendencia nas missas. Correu sobre isto demanda no tribunal da legacia, que deu sentença a favor da irmandade como unica padroeira do Bom Jesus do Monte.

Não se limitou o arcebispo D. Rodrigo de Moura a desempenhar o papel de pacificador d'aquellas primeiras discordias. Impellido por seu animo generoso, resolveu fazer juz ao titulo de fundador, titulo que certamente lhe é devido, porque metteu hombros á empreza da reconstrucção completa do sanctuario.

Principiou as obras em 1722, logo que assumiu o juizado da confraria. Demoliu a ermida do Bom Jesus, e edificou um templo muito maior, de fórma circular, coroado de balaustrada com várias figuras de anjos empunhando os instrumentos da Paixão, e situado no meio de um espaçoso adro. Concluiu-se este templo em 1725: occupava o terreiro em que vemos agora a cascata, e foi demolido quando se fundou a egreja actual.

Reedificou o mesmo prelado as capellas da Paixão que existiam no dorso do monte, e communicou umas com outras por meio de caminhos bem traçados, amplos e com suave declive, pois que até alli era difficultoso o accesso ás capellas por causa das escabrosidades do terreno. Comprou várias devesas para arredondar a cêrca do sanctuario, que murou. Erigiu na raiz do monte o portico que dá entrada para a grande avenida que conduz ao templo; construiu diversas fontes; e abriu uma estrada para o sanctuario, para onde apenas havia estreitos carreiros por terrenos cheios de fragas e de quebradas, estrada que a incuria e desleixo deixaram chegar ao maior estado de ruina.

Falleceu o arcebispo D. Rodrigo de Moura em 1728; porém não pararam as obras. A confraria proseguiu n'ellas com egual zelo e fervor, e não lhe faltaram donativos e legados para as levar por diante, dando aquelle prelado o exemplo nos 2:000$000 réis que deixou em testamento ao sanctuario. Entre os bemfeitores, que não tardaram em vir em auxilio da confraria, avultou um pelas grandes quantias com que contribuiu para as obras, e pelo desvelo e economia com que as administrou desde 1749 até 1771, em que morreu. Chamava-se Manuel Rebello da Costa. O seu nome e serviços acham-se commemorados em uma lapida junto á fonte de S. Marcos, no terreiro dos Evangelistas.

N'aquelle periodo succedeu na mitra de Braga D. Gaspar de Bragança, filho bastardo, legitimado, del-rei D. João V. Imitando o arcebispo D. Rodrigo de Moura na devoção e liberalidade para com o Bom Jesus do Monte, tornou-se este principe em um dos maiores bemfeitores do sanctuario, tanto pelos grandes donativos que lhe fez, como pelas muitas graças espirituaes que lhe alcançou do summo pontifice. Sob o governo d'este prelado, e por impulso seu, fizeram-se alli muitas construcções e importantes aformoseamentos; porém a principal, pela grandeza do commettimento, pelo realce que deu ao sanctuario, e tambem por ser a obra de melhor gosto que ahi se vê, foi o templo actual, que não chegou a ver acabado, pois que falleceu em 1789, quando os trabalhos apenas contavam cinco annos de duração. Todavia, outro serviço deve o sanctuario a este principe, não menos importante, senão de maior alcance, e que consistiu em impetrar e obter do papa Clemente XIV, no anno de 1773, tres bullas de certos privilegios para o templo, e de graças espirituaes para todos os devotos que, confessados e commungados, o visitassem, e n'elle orassem em determinados dias do anno. É verdade que foi negado o *exequatuor* a estas bullas com diversos pretextos, entre os quaes figuram o de levar em vista a confraria interesses pecuniarios e sordidos, e o de que era prejudicada com taes indulgencias a bulla da cruzada. Porém tanto reluctaram, e tanto pediram o prelado e a confraria, que conseguiram, passados cinco annos, não sómente o regio *apraz-me* ás primeiras bullas, mas tambem outros novos breves de indulgencias.

Celebrou-se a publicação d'estas bullas na cidade de Braga com uma tão apparatosa procissão, que ficou memorada por largos annos como uma das mais grandiosas funcções que a cidade tinha presenciado. N'esta procissão iam carros triumphaes com figuras allegoricas do jubileu concedido ao sanctuario.

Desde então estendeu-se por toda a provincia do Minho a devoção ao Senhor Jesus do Monte. Principiou a augmentar a concurrencia do povo de dia para dia, achando-se o monte sempre animado, mais ou menos, com a presença dos peregrinos. Porém, nos dias de festividade em que eram concedidas as indulgencias aos devotos, era, e ainda hoje é, immensa a multidão de gente que alli se reune, vindo grande parte de mui distantes terras.

Quem conhecer os habitos laboriosos dos habitantes do Minho, e ao mesmo tempo o seu amor da religião, e a sua fé e enthusiasmo pelas crenças de seus maiores, facilmente ajuizará das sommas que produziriam annualmente as esmolas lançadas nas bandejas e mealheiros das diversas capellas do sanctuario.

Com este rendimento, pois, augmentado com o producto dos donativos, legados, renda de alguns terrenos pertencentes á cêrca do Bom Jesus, juros de capitaes mutuados, e joias de entrada de novos irmãos, se foram e vão custeando, desde aquella epocha até á actualidade, as despezas do culto e da conservação do sanctuario, bem como das diversas construcções com que a confraria o tem augmentado e melhorado modernamente.

Por occasião da invasão do exercito francez, commandado pelo general Soult, duque de Dalmalcia, nas provincias do norte, durante a primavera do anno de 1809, fez o inimigo muitos estragos no sanctuario, principalmente nos edificios das hospedarias, que ficaram arruinados. A confraria reparou depois todos esses estragos, e mais tarde fundou outros e muito mais bellos edificios para hospedagem dos irmãos durante as festividades que se costumam celebrar no Bom Jesus. As principaes festas são: as quatro primeiras domingas de quaresma; domingo de Ramos; Paschoa da Resurreição; Ascensão; Paschoa do Espirito Santo, que é a funcção de maior solemnidade que alli se faz; quinta feira de Corpus Christi; invenção da Santa Cruz, a 3 de maio; S. Pedro, a 29 de junho; triumpho da Santa Cruz, a 16 de julho; S. Thiago, a 25 de julho; Assumpção de Nossa Se-

nhora, a 15 de agosto; Natividade da Virgem, a 8 de setembro; exaltação da Santa Cruz, a 14 de setembro; e dia de Todos os Santos, a 1 de novembro.

Para o serviço do culto tem o sanctuario tres capellães permanentes, um sacristão e um ermitão, pois que são muitas as missas que alli se rezam em cumprimento dos legados. A administração está a cargo de uma junta de deputados, e da mesa. Compõe-se a junta de dezesete membros: treze que constituem a mesa, e mais quatro irmãos eleitos d'entre os que pertenceram á mesa do anno antecedente.

Os treze membros da mesa tem os seguintes titulos e cargos: juiz da confraria; cartorario; secretario; ministro do culto divino; vêdor da fazenda; vêdor das obras; thesoureiro da confraria; thesoureiro dos legados do arcebispo D. Rodrigo de Moura, e de José Pereira Ferraz [1]; zelador das esmolas; zelador das estampas e das medidas do corpo e do braço da imagem do Bom Jesus; procurador da confraria; mordomo do templo; e mordomo das capellas.

A mesa é eleita todos os annos pela junta da confraria. Esta junta é formada por vinte e cinco vogaes, entrando n'este numero os treze da mesa.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Este bemfeitor deixou um legado de 4:000$000 réis, com várias disposições e obrigações. Quem desejar noticias mais minuciosas sobre o sanctuario, póde consultar a seguinte obra: *Memorias do Bom Jesus do Monte, em Braga, por Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel.*

ILHA BOURBON

ULTIMA ERUPÇÃO DO SEU VOLCÃO

Está situada esta ilha no oceano Indico, a éste da grande ilha de Madagascar, que os portuguezes descobriram, e denominaram de S. Lourenço.

A ilha Bourbon foi descoberta por Pedro de Mascarenhas no anno de 1513, e não no de 1545, como se acha em alguns auctores. Tomando o nome do appellido do descobridor, chamou-se *ilha de Mascarenhas* até ao anno de 1649, em que os francezes, capitaneados por Flacourt, se apoderaram d'ella, e conseguiram segurar a sua posse, attenta a lucta porfiosa em que Portugal andava então empenhado com a Hespanha. Tomaram-n'a os inglezes á França em 1810; porém, quatro annos depois, restituiram-lh'a em virtude do tratado de Paris.

Logo que os francezes se apossaram d'esta ilha mudaram-lhe o nome portuguez pelo de *Bourbon*. No fim do seculo seguinte, destruido o throno dos Bourbons, o governo republicano mandou que se denominasse *ilha da Reunião*. Passado pouco tempo tomou a ilha o nome de *Bonaparte*, em homenagem ao grande capitão do seculo XIX. A restauração dos Bourbons no throno da França restituiu-lhe o seu primeiro nome francez; porém hoje os amigos de Napoleão III preferem chamar-lhe *ilha da Reunião*.

Tem esta ilha de extensão 85 kilometros, e 60 de largura. É formada por duas montanhas volcanicas, uma das quaes, denominada o *Volcão*, é o respiradoiro actual dos fogos subterraneos, que trazem em continuos abalos a parte meridional da ilha. A outra montanha é um volcão extincto, ou, pelo menos, ha já muitos annos que succedeu a sua ultima erupção. Entretanto, causou outr'ora grandes terremotos, e horriveis devastações em toda a parte do norte.

Muitas cavernas e profundos algares, em que se despenham grossas torrentes; grande quantidade de prismas basalticos da feição de columnas; variadas camadas de lava, e outros indicios de uma destruição geral, são provas irrefragaveis de antigas e terriveis revoluções physicas.

Todavia, goza esta ilha de um clima muito saudavel, que se poderia dizer bello se não fosse tão sujeito a horrorosas tempestades, que sempre são causa de grandes desastres.

A pequena cidade de S. Diniz é a capital. Conta uns 12:000 habitantes. Está sentada nas faldas de um monte, e perto do mar. As casas são edificadas de madeira, mas, pela maior parte, com agradavel aspecto. As ruas são, em geral, direitas, e algumas plantadas de arvores. O jardim botanico é o seu principal estabelecimento publico, pois que é extenso, e possue uma boa collecção de plantas, não só indigenas, mas de diversos paizes. O porto, se tal se póde chamar a uma costa aberta, é defendido por alguns fortes, porém a sua maior defesa consiste nas difficuldades naturaes que offerece a costa.

As principaes producções da ilha são: café, assucar, canella, cravo, noz moscada e cacau, com as quaes se alimenta um commercio importante. Os portuguezes povoaram a ilha de animaes domesticos, levados do continente africano, e tambem da Europa.

A população da ilha, composta de brancos e de negros, regula actualmente por uns 100:000 habitantes.

A ultima erupção volcanica d'esta ilha começou em fins de dezembro de 1863. Da cratera inflammada saía tão prodigiosa quantidade de lava ardente, que parecia um caudaloso rio de fogo de uns 300 metros de largura, descendo precipitadamente pelo dorso da montanha até se lançar no mar, depois de ter percorrido uma distancia de mais de 15 kilometros.

Dizem que era um espectaculo maravilhoso ver a lucta dos dois oppostos elementos: as ondas de fogo arremettendo furiosas contra o mar, e este, erguido em vagas embravecidas, sepultando em seus abysmos o inimigo que assim ousára affrontal-o. Uma immensa columna de fumo e de vapores, subindo promiscuamente para o ceo; os reflexos da lava abrazada tingindo as aguas de rubra côr; e o sussurro d'esta lucta temerosa, completavam o quadro, dando-lhe um aspecto ao mesmo tempo bello e pavoroso.

Durou esta erupção em toda a sua força por todo o mez de janeiro do corrente anno. Em principios de fevereiro começou a lava a esfriar na superficie, mostrando uma camada negra desegual, que se ia abrindo em largas fendas, que deixavam ver no fundo o fluido incandescente correr com lentidão para o Oceano. A materia volcanica formou um promontorio, que se eleva do fundo do mar proximo da costa da ilha.

A nossa gravura, copiada de outra que publicou a *Illustração* franceza, representa o quadro grandioso que acabâmos de descrever, e do qual nem a gravura, nem tão pouco a penna do escriptor podem dar uma idéa perfeita. I. DE VILHENA BARBOSA.

O ESTILO É O HOMEM

(CONTO CAMPESTRE DE D. ANTONIO DE TRUEBA)

(Vid. pag. 98)

III

O cabo dos guardas civis tornou a interromper-me para me dizer:

— Vão-me interessando esses rapazes.

— O que desejo é que tambem goste da continuação.

O guarda proseguiu:

Apenas o canto das avesinhas me annunciou, na manhã seguinte, que raiava o dia, levantei-me e saí para o jardim.

Estava deliciosissima a manhã. O jardim não me pareceu tão poetico e formoso como á claridade da lua se me figurára; porém ainda assim encantava-me, porque abundavam n'elle as flores e as arvores carregadas de fructo, e as melancolicas ramadas.

Respirando o perfume das flores, provando os fructos, e observando a janellinha da casa contigua para ver se n'ella assomava Rosa, passei uma hora que me pareceu um minuto.

Não sei por que tinha tanta curiosidade de ver aquella rapariga, que tão formosa imaginava sem a conhecer ainda.

O guarda sorriu-se maliciosamente como repetindo «bem o vejo!» mas um gesto de impaciencia meu o fez continuar:

Quando eu estava mais enlevado na contemplação do jardim, entrou João com uma carta.

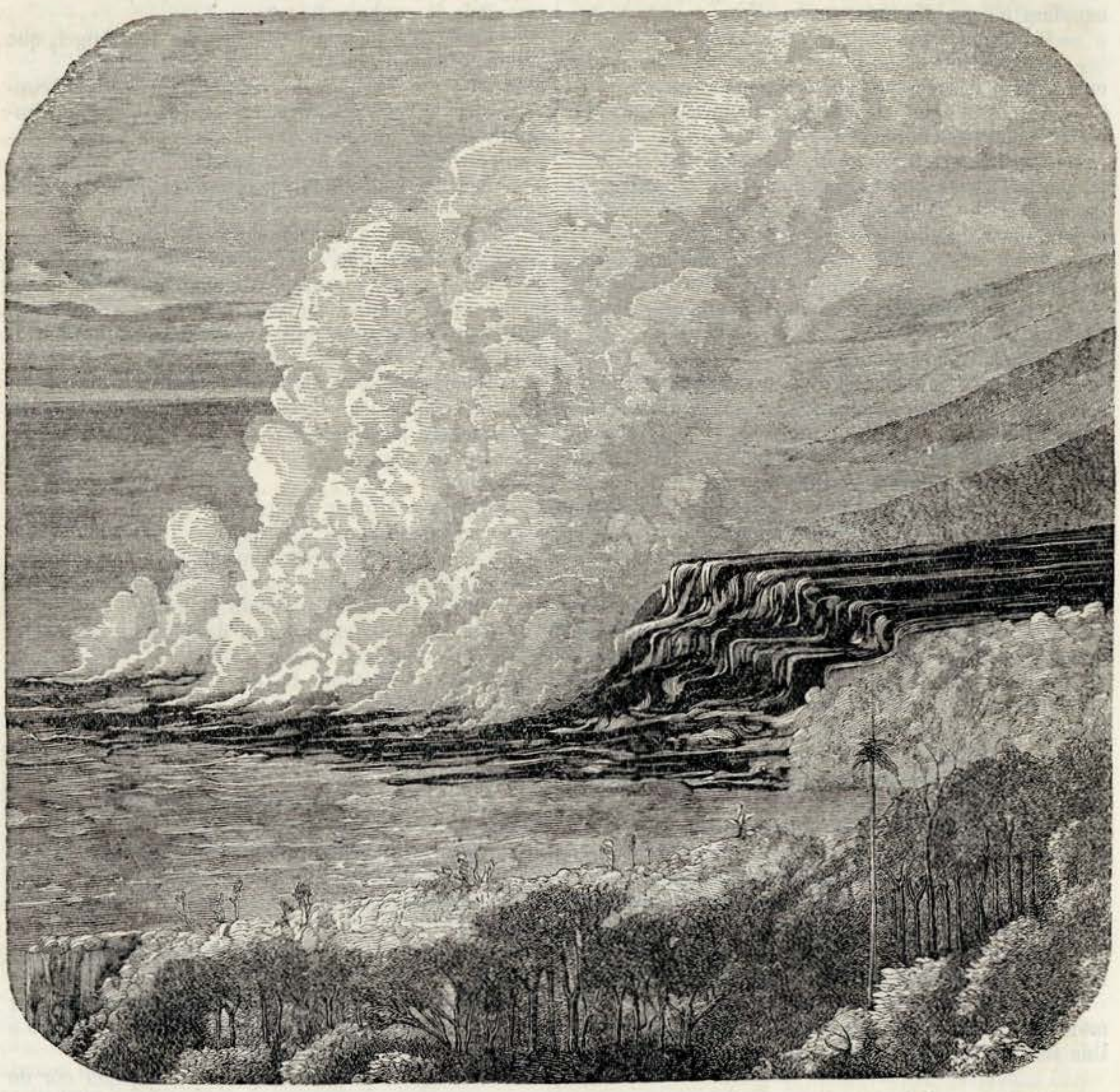
— Bons dias, sr. D. Antonio.

— Bons dias, João.

— Descançou bem?

— Perfeitamente. E tu?

— Eu, desde que lancei Rosa á margem, durmo com o maior socego. E faço muito bem. O que padece por mulheres é tolissimo, porque as mulheres são todas... fingidas e falsas.



Erupção volcanica na ilha Bourbon

— Todas, não.

— Todas, todas.

— Tambem tua mãe?

— Olha que sophisma! Minha mãe não é mulher.

— Que é, pois?

— É minha mãe.

Esta resposta reconciliou-me um tanto com João, que se geralmente carecia de instinctos delicados, não carecia dos do amor filial.

— O jardim de vossés é delicioso.

— Diz isso minha mãe; eu, porém, achava mais delicioso meia duzia de peças que se tiraria d'elle vendendo-o.

— Não é com dinheiro que se pagam estas flores tão cuidadas, e estas arvores carregadas de fructo...

— Havendo dinheiro encontram-se na praça flores e fructos com fartura.

Não respondi a João, porque me pareceu inutil explicar a theoria do bello e do delicado a quem não o havia de comprehender.

— Ia-me esquecendo, disse João dando-me a carta que trazia na mão. Tome esta carta de Madrid, que é para o senhor.

Quando ia para abrir a carta, abriu-se de repente a janella da casa contigua e appareceu Rosa, que ao dirigir a vista para o jardim fez-se tão córada como as romãs, não sei se porque viu um desconhecido, que era eu, ou porque viu um conhecido, que era João, e apressou-se em retirar-se.

Rosa era tão linda vista á luz do sol, como vista á

luz do coração; loira, branca, rosada, de olhos azues, de physionomia doce e expressiva, parecia antes uma d'essas delicadas flores que brotam timidamente sob as faias e os abetos do septentrião, do que essas flores louçãs que desafiam os raios do sol debaixo das palmas e oliveiras do meio-dia.

— Fazes bem em retirar-te, minha tontinha... exclamou João ao vêl-a desapparecer da janella.

— Porque tens tão má vontade á pobre menina?

— Porque me fez a pirraça de escarnecer de mim.

— Tu porventura concorrerias para isso.

— Não, senhor; zombou de mim porque não me agradam moças affectadas como ella.

— O que?

— Sim, a louca, gosta de coisas de romances, e eu só gósto das pessoas sinceras, naturaes.

— As pessoas dos romances tambem são naturaes, se os romances não são maus.

— Em fim, sr. D. Antonio, para que veja que não podêmos fazer as pazes, eu com essa rapariga, hei de mostrar-lhe duas cartas, a que ella me escreveu e a minha resposta.

— Deixe-me, porém, antes ver o que me dizem n'esta carta.

— Não tem duvida. Eu ainda vou procurar as cartas e já volto aqui.

João deixou-me só no jardim.

A carta que me entregaram era do editor de um semanario litterario de Madrid, que me pedia com urgencia um conto inédito.

Como quasi todos os meus contos se tem escripto com a urgencia com que escrevo este, urgencia de que Deus livre os que no futuro escrever, não me pareceu impossivel satisfazer os desejos do editor, e puzme a pensar no conto que havia de principiar immediatamente.

João veiu interromper-me nas minhas meditações trazendo uns papeis na mão. Ia dizer-lhe que me deixasse em paz por alguns instantes, porém não o fiz considerando que talvez aquelles papeis me proporcionassem assumpto para o conto que se me pedia.

— Aqui tem o sr. D. Antonio os documentos em que lhe fallei. Esta é a carta de Rosa. Leia-a, que lhe dará mais sentido que eu.

A carta de Rosa, falta de orthographia, mas escripta com lettra redonda e legivel, em papel não muito fino e sem adornos, principiava d'este modo:

«João — Não chegarei á janella se ao dares serenata no teu jardim me dirigires más coplas».

— E que versos eram os que tu cantavas, que pareciam maus a Rosa?

— Ora essa!... — respondeu-me João rindo brutalmente. — Versos com mais sal e graça que o mundo! Uns fallando mal das mulheres, como estes:

Si la mar fuera de tinta,
y el cielo fuera papel,
y los peces escribanos,
y escribieran á dos manos,
no escribieran en cien años
la maldad de una mujer.

— E outros picantes como estes:

Una niña fué á lavar
un par de medias azules...

— Basta, basta! — interrompi João, e continuei a leitura da carta de Rosa:

«Encontrei esta manhã despedaçada a gaiola que deixei na janella, morto o pobresinho do canario, e quebrado o vaso de cravos que estava debaixo da gaiola. Disseste-me no outro dia que, se casasses commigo, os cravos iriam pela janella fóra, e o canario seria dado para jantar do gato; julgo, por isso, que tu os destruiste ás pedradas. Olha, se tivesse a certeza de que eras, com effeito, o auctor, não tornaria a olhar-te, porque o que faz tão feias obras não póde deixar de ter mau coração».

O guarda tornou a interromper-se:

— Dizem que o estilo é o homem; mas tambem se poderá dizer que o estilo é a mulher.

— Por quê?

— Porque Rosa está muito bem retratada n'essa carta.

— Pois já conhece Rosa?

— Conheço-a pela sua conversação com Angel, que o senhor copiou aqui.

Dizer a um escriptor de costumes que *copia* as conversações, é, na verdade, caso grave. O orgulho impediu, porém, que me incommodasse por causa da interrupção do guarda. Este continuou:

— E foste, com effeito, perguntei a João, quem fez aquelle destroço?

— Creio que fui. Eu lh'o conto, sr. D. Antonio. Assim que calculei que Rosa e sua mãe estavam deitadas, apanhei duas pedras, e d'aqui mesmo onde estamos, zás! — atirei uma á gaiola, e a outra ao vaso com os cravos, que se despedaçaram na calçada.

— Homem, disse o guarda interrompendo novamente a leitura, quizera que n'este instante me levassem a Navalcarnero para metter *á sombra* esse rapaz.

— Já está seguro.

— Como?

— Queira continuar a ler.

O guarda proseguiu a leitura:

— E por que procedeste com tamanha barbaridade?

— Porque já lhe disse que não gósto d'esses passaros e flores que tanto aprasiam a Rosa.

— Teu pae tambem gostava das flores e das avesinhas, como tua mãe e eu gostâmos.

— O sr. D. Antonio ha de perdoar, mas eu sou muito natural...

— As flores e os passaros tambem são naturaes.

— Deixe-se d'isso, homem; essas coisas são de romance.

— Este rapaz, disse para commigo, é um perfeito selvagem.

A carta de Rosa continha mais algumas linhas em que a pobre menina se queixava, com a maior e mais graciosa singeleza, de outras barbaridades de João.

— Vamos a ver, disse a este, como respondeste a esta carta.

— Aqui está a resposta, de que fiquei com uma cópia exacta por se me figurar optima, para a todo o tempo me servir.

A carta de João estava escripta em papel côr de rosa, — ou antes carmesim, que revelava melhor a perturbação do animo, — tinha na margem corações trespassados com frechas e amorzinhos, e a letra perdia-se em um labyrintho de rabiscas. João expressava-se nos termos seguintes:

«Minha querida e prezada Rosa. — Estimarei que ao receber d'estas curtas linhas te encontres com a boa saude que para mim desejo; aqui estou para o que queiras ordenar-me, que o cumprirei com muito gosto e vontade. Esta só te dirijo para dizer-te que tenho desejo de cantar coplas fallando mal das mulheres, porque todas... não prestam para nada. (João disse-me vocalmente a insolencia que não se atrevêra a estampar na carta, e supprira com reticencias). Eu fui quem hontem á noite com duas pedradas te matou o canario e te quebrou o vaso com os cravos; e agora te digo, para que não te assustes, que, se casarmos, te hei de partir a cabeça como hontem á noite

quebrei o vaso e a gaiola, se andares com essas tolices, que bem sabes sou muito natural. Se me queres assim, bom é; se não, não, que eu tenho muitas e muito galantes raparigas a quem namore. Adeus, Rosinha, vamo-nos, eu e outros, á taberna da ponte, e ahi ficaremos até alcançar, com o auxilio do demo, o que é positivo. Tudo mais são loucuras de romances. Com isto não te canço mais. Manda, que fica ás ordens, o teu querido amante. — *João Pantoja*».

Nova interrupção do guarda civil:

— Veja, sr. D. Antonio (se o guarda accrescentasse o appellido ao meu nome, gritaria para logo: «sejam os senhores boas testimunhas de que este guarda reconhece que sou Fulano de tal») — veja como tenho razão em dizer que o estilo é o homem! Haverá quem possa dizer que no estilo d'essa carta não está retratado o grosseirão que a escreveu?

Como o homem grosseirão que a escrevêra era eu, encolhi os hombros com resignação, e o guarda continuou a leitura julgando que o meu gesto significava desgosto pela sua nova interrupção.

— Então, sr. D. Antonio, não está bem escripta essa carta? — me perguntou João quando acabei de ler a rude epistola.

Lembrei-me de converter o animal que a escrevêra (eu já o ia compondo!); porém considerei que se prégar aos maus póde fazer arrependidos, prégar aos brutos só póde fazer inimigos; e o que procurei foi afastar João para que me deixasse idear o conto que no dia seguinte me era indispensavel enviar para Madrid.

(Continua) B. A.

VICTOR HUGO

(Vid. pag. 95)

XVII

Lucrecia Borgia, drama a que primeiro deu o titulo de *Ceia em Ferrara*, appareceu seis semanas depois na Porte-Saint-Martin, e teve brilhantissimo exito. «Foi a victoria decisiva da eschola romantica. Os criticos mais hostis foram obrigados a calar-se».

Em quanto a *Revista de Paris* publicava *Claudio Gueux*, o publico recebia com enthusiasmo duas novas e egualmente preciosas collecções de poesias: as *Folhas do Outono*, e os *Cantos do Crepusculo*.

«N'estes dois admiraveis livros, diz Beauvallet, encontram-se, em confrontação com as mais sublimes inspirações, paginas cheias de raro sentimento e encantadora graça. Por todas ellas a ode ao lado da elegia, a satyra pungente ao lado da ingenua canção. A borboleta nada tinha que perder com a visinhança da aguia, e o genio do poeta era sobejamente vasto para conter todos os generos de belleza».

Nas *Vozes Interiores* e nos *Raios e Sombras*, duas collecções, publicada a primeira em 1837 e a segunda em 1840, Victor Hugo deu á sua poderosa lyra mais uma harmoniosa e melodiosissima corda. O poeta revelou-se como homem que chora e como philosopho que sabe confortar.

Em fevereiro 1837 perdeu seu irmão Eugenio. Accommettido de uma doença egual á que retirou de entre nós, quem sabe se para sempre! a Lobato Pires e a Lopes de Mendonça, Eugenio, desde o dia do consorcio de Victor Hugo, não voltou mais á razão. A pthisica ia-o tambem consumindo e por fim arrebatou-o.

«Extinguiu-se assim o companheiro da infancia e da adolescencia de Victor Hugo. Os dois irmãos, tão estreitamente unidos, parecia terem sido creados para a mesma existencia; mas de subito, o destino separou-os, e lançou um no bulicio e na luz, e o outro na solidão e nas trevas». [1]

XVIII

Vendo o exito de *Marion de Lorme* e de *Lucrecia Borgia*, Harel offereceu a Victor Hugo um premio de dez mil francos por um novo drama. *Maria Tudor* entrou brevemente em ensaios.

Mas uma discussão entre duas actrizes revolucionou o theatro da Porte-Saint-Martin. Georges era, na verdade, o *unico e verdadeiro director*. Inclinavam-se todos perante a vontade da grande tragica. Victor Hugo, que na sua estreia não quizera ceder uma palavra a Mars, não podia, ao cabo de successivos triumphos, curvar-se aos caprichos de Georges.

— A sua peça cairá, disse Harel.

— Se o senhor a fizer cair, replicou Victor.

— Entenda-o como quizer.

— Pois eu, tornou o poeta friamente, farei cair o seu theatro.

Não obstante as intrigas da direcção, *Maria Tudor* foi applaudida. Victor Hugo, porém, não quiz nunca perdoar a Harel nem a Georges as contrariedades em que o tinham collocado. Jurou que não trabalharia mais para a Porte-Saint-Martin, e cumpriu a sua palavra.

Harel baldadamente implorou *Angelo*. Este drama representou-se no Theatro Francez. Duval foi escripturada para o papel de Catharina juntamente com Mars, que desempenhava o primeiro papel. O apparecimento das duas notaveis artistas, cujo talento era quasi egual, produziu indescriptivel enthusiasmo, e deu extraordinario relêvo á peça.

O director Harel caminhou triste e rapidamente para a total perda. Dois mezes depois da contenda com Victor Hugo, o theatro da Porte-Saint-Martin foi declarado em estado de quebra.

XIX

Em 1835 Victor Hugo encontrou na familia Bertin, em Biêvre, uma novel e gentil cantora, a menina Luiza Bertin, á qual dedicou muitas de suas poesias. Para ella escreveu tambem especialmente o libreto da *Esmeralda*, que negára a Meyerbeer.

Em 1837 el-rei Luiz Filippe conferiu a Victor Hugo o grau de official da Legião de Honra, e os duques de Orleans enviaram-lhe um quadro de *Ignez de Castro*, pintado por Saint-Évre. Na extremidade superior da moldura havia a seguinte inscripção: «*O duque e a duqueza de Orleans ao sr. Victor Hugo, 27 de junho* 1837».

O poeta julgava descançar das fadigas do theatro. Após as horas da lucta gozava os instantes de tranquillidade e recolhimento — escrevia mil pequenas obrinhas poeticas, ora contemplando a natureza, ora escutando as pulsações do coração.

Todavia, os directores não podiam deixal-o por muito tempo. Em 1838 Anténor Joly, nomeado director do theatro da Renascença, por indicação de Alexandre Dumas, pediu um drama a Victor Hugo, que escreveu *Ruy Braz*. O director Joly deu o principal papel a Frederico Lemaître.

Na introducção do novo drama escrevia o poeta as seguintes linhas:

«Tres especies de espectadores compõem o que é de uso chamar-se — publico: em primeiro logar, as mulheres; em segundo logar, os pensadores; e em terceiro logar, a multidão propriamente dita. O que a multidão exige quasi exclusivamente da obra dramatica é a acção; o que as mulheres querem principalmente encontrar é a paixão; o que especialmente

[1] *Victor Hugo raconté*, t. II, pag. 445.

procuram os pensadores são os caractéres. Estudando-se com attenção as tres classes de espectadores, observa-se: a multidão estima por tal modo a acção, que, em ultimo caso, desprezará caractéres e paixões; as mulheres, a quem de certo a acção interessa, enlevam-se no desenvolvimento da paixão, a ponto de não se importarem com o esboço dos caractéres; e os pensadores amam tão profundamente os caractéres, isto é, gostam de ver os homens reproduzidos na scena, que, acceitando a paixão como incidente natural na obra dramatica, consideram-se quasi importunados pela acção. De modo que a multidão pede ao theatro sensações; a mulher, commoções; o pensador, meditações; e todos prazer: mas os primeiros, o prazer dos olhos; os segundos, o prazer do coração; e os ultimos, o prazer do espirito. Em o nosso theatro, pois, ha tres especies de obras distinctas: uma vulgar e inferior, e as duas nobres e superiores; mas todas tres satisfazem uma necessidade: o melodrama para a multidão; para as mulheres a tragedia que analysa a paixão; para os pensadores a comedia que descreve a humanidade». [1]

As primeiras representações do *Ruy Braz* foram tumultuosas. Viu-se n'elle um novo desafio lançado á eschola classica. Nunca se permittíra, desde Shakespeare, introduzir no drama serio tão vasta parte do comico. No *Ruy Braz* encontraram os academicos espantosas e inadmissiveis ousadias.

.........Une duègne, horrible campagnonne
Dont le menton fleurit et dont le nez trognonne.

Os criticos invejosos e os poetas da *eschola do bom senso*, que entreapparecia já, pateavam enraivecidamente as passagens mais extraordinarias.

Saint-Firmin era mediocre no papel de D. Cesar de Basan — este papel que o proprio Lemaître lastimava. Desanimado pelas consecutivas pateadas, o actor tremia diante do publico. Na terceira noite de representação, Saint-Firmin observou do panno de boca que havia enchente real, e pediu a Victor Hugo que eliminasse os versos que produziam mau effeito. O poeta quiz observar tambem. Na platéa, a multidão agitada por mil paixões diversas, mostrava anciedade. Era certo mais um triumpho. Victor Hugo, encarando serenamente o timido actor, disse-lhe:

— Nada receie. Diga tudo, sr. Firmin.

Ruy Braz venceu todas as opposições organisadas, como triumphára *Hernani*, *Maria Tudor* e *Lucrecia Borgia*.

Frederico-Lemaître desempenhou admiravelmente o seu difficil papel. Victor Hugo, no fim da nota que acompanha as edições de *Ruy Braz*, diz:

«Frederick realisa para nós o ideal do grande actor... Para Frederick-Lemaître a noite de 8 de novembro 1838 não foi uma representação, mas uma transfiguração».

XX

Pouco tempo depois da primeira representação do *Ruy Braz*, a 13 de maio 1839, Victor Hugo soube no theatro da Opera que a revolta, cujos chefes eram Barbés e Blanqui, tinha sido reprimida; que o segundo se refugiára em casa de um amigo; e o primeiro, capturado immediatamente, estava sendo julgado na camara dos pares. Fallando depois a um par de França, este assegurou-lhe que Barbés fôra condemnado e seria executado no dia seguinte, porque o exigiam os ministros. Victor Hugo pensou logo em que era necessario salvar Barbés, e mesmo no theatro escreveu a el-rei estes versos:

[1] *Ruy Blas*, ed. Laurent, 1838, pag. 5 a 7.

Par votre ange envolée ainsi qu'une colombe!
Par ce royal enfant, doux et frêle roseau!
Grâce encore une fois! grâce au nom de la tombe!
Grâce au nom du berceau! [1]

Acabára de nascer o conde de Paris, e fallecêra a princeza Maria de Wurtemberg. Victor Hugo foi em seguida ao paço, e conseguiu que se entregassem estes versos a sua magestade. A execução de Barbés não se effeituou no dia seguinte. Luiz Filippe perdoou apesar da resistencia dos ministros.

(Continua) P. W. DE BRITO ARANHA.

ORIGEM DO TRATAMENTO DE ALTEZA REAL

Correndo o anno de 1633, partiu de Madrid para a Hollanda o cardeal infante D. Fernando, filho de D. Filippe III de Hespanha. Conforme o seu itinerario, teve de atravessar a Italia. Esta circumstancia, porém, contrariava-o, por quanto, tendo de passar pelas cortes de varios estados mui pequenos, não se accommodava o seu orgulho com a idéa de se ver a cada passo cercado de uma multidão de principes, que elle julgava inferiores a si, e aos quaes forçoso lhe era dar o mesmo tratamento de alteza, que d'elles havia de receber. Lembrou-se então de exigir que o tratassem por *alteza real*.

O duque de Saboya foi o primeiro que annuiu aos seus desejos, contentando-se com o titulo de *alteza* simplesmente. Os outros principes italianos não foram menos condescendentes. Gastão, duque de Orleans, irmão de Luiz XIII de França, que se achava n'essa occasião em Bruxellas, gostou da lembrança, e como era tambem filho e irmão de reis, quiz para si egual tratamento. O exemplo em breve se communicou á Inglaterra e aos outros reinos do norte.

Mais tarde, em Portugal e Hespanha, ficou reservado este tratamento para os herdeiros da coroa.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Quando vemos referido este facto recordâmo-nos sempre de outro, não menos nobre, generoso e grandemente humanitario, que tambem nasceu espontaneo do coração de um homem illustre e eminente poeta. Fallâmos da epistola á sua magestade a sra. imperatriz do Brasil, D. Theresa. O poeta sabem todos que é Antonio Feliciano de Castilho.

Um portuguez gemia na prisão; era velho e pobre; rodeavam-n'o filhinhos innocentes. Condemnado por homicida, sem culpa moral, a doze annos de trabalhos, era forçoso cumprir a terrivel sentença. Castilho impetrou o perdão.

Admirem mais uma vez estes bellissimos versos, entre outros da sublime epistola:

....
presentae, co'o sorrir da terna caridade,
o infeliz, ao consorte; o oppresso á magestade:
« — Hontem foi — lhe dizei — o quarto sol de abril;
sacro na Lusitania, e sacro no Brasil;
o sol, a que ha brotado a irmã, que lá no empyreo
goza, em sidereo throno, as palmas do martyrio;
a que houve o berço, aqui; lá, o sepulchro seu;
essa, cuja Odyssêa o largo mundo encheu,
e por quem todos nós assim vertemos pranto;
oh! em memoria d'ella! e por seu nome santo!
e por suffragio terno! e derradeiro dom!;
vós, que imperaes tambem, vós que tambem sois bom,
resgatae, resgatae-lhe este homem, que era d'ella;
por minha voz o implora essa alma augusta e bella!
Este homem, já punido, e morto já, talvez,
quiz entre nós viver... mas nasceu portuguez;
dae-lhe o seu portuguez como um dom natalicio!» —
....
«e os filhinhos... que ha pouco iriam... mundo além...
párias... orphãos de pae... orphãos talvez de mãe...
co'o brio murcho em flor... a fé e a esp'rança morta...
arrancar á piedade o pão de porta em porta...
em seu campinho agora, alegres colibris,
volverão a entoar, por vós, que os redimis,
graças, bençãos, na aurora! ao meio dia! á tarde!»
....
«Feliz o velho! e vós... mil vezes mais feliz!»

O Outono, pag. 33 a 42.

O velho foi perdoado.

E os portuguezes residentes em Porto Alegre, no imperio do Brasil, offereceram, por este facto, uma penna de oiro ao poeta, que elle préza e guarda como inestimavel e preciosa dadiva.

É não só bom, mas utilissimo, avivar exemplos taes, para que não os deslembre a geração que vem.